

Conhecimentos, percepções e práticas em tuberculose de profissionais de nível médio da saúde de três municípios com alta carga de tuberculose no Brasil

Maria F. W. Pereira¹, Márcia D. S. Ferreira², Ricardo A. Ximenes³, Maria F. M. Albuquerque⁴, Marcelo C. Santos^{2,5}, Eleny G. Teixeira⁶, Flávia M. Salame^{2,5}, Jonas R. Silva⁷, Gisele Salgado⁸, Andrea B. Melo⁹, Marcia T. C. T. Belo⁶, Anete^{10,11} Trajman.

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. ²Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Dourado, Manaus, AM. ³Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE. ⁴FioCruz, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, PE. ⁵Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM. ⁶Fundação Souza Marques, Escola de Medicina, Rio de Janeiro, RJ. ⁷Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ. ⁸Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, RJ. ⁹Bolsista CNPQ, Brasília, DF. ¹⁰Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. ¹¹Global Health Program, McGill University, Montreal, Canada.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe ampliar a investigação e o tratamento tanto da infecção latente tuberculosa (ILTB) quanto da TB ativa entre contatos de casos índice. Entretanto, menos de 10% das pessoas com indicação de tratar a ILTB completam o tratamento, e os gargalos precedem a prescrição médica. A expansão da atenção primária à saúde (APS) no Brasil, nas últimas duas décadas, contou com a inserção do profissional de nível médio, em particular do agente comunitário de saúde (ACS). Com a descentralização dos atendimentos da TB, o papel desses profissionais tornou-se crucial. Objetivou-se aqui avaliar conhecimentos, percepções, atitudes e práticas desses profissionais quanto aos contatos. Um questionário semiestruturado foi utilizado por entrevistadores treinados. 107 ACS e 28 técnicos de enfermagem foram entrevistados em Manaus, Recife e Rio de Janeiro. 92 (68%) receberam treinamento para TB nos últimos dez anos, porém apenas 25 (27%) foram orientados quanto à prevenção. Apenas 71 (53%) sabem diferenciar TB ativa de ILTB. A maioria (70%) compreende os riscos de transmissão e acha importante a investigação de TB ativa e ILTB em adultos e crianças (78%), no entanto, menos da metade (48%) convida os contatos para a investigação. 105 (78%) acreditam que os contatos devem ser investigados nas unidades em que trabalham, e 42 (31%) relatam não ter nenhuma dificuldade para investigá-los na unidade. Acreditam que as principais razões para os contatos não comparecerem às unidades está no fato de que os mesmos não compreendem a importância da investigação (60%) e por terem medo do preconceito da doença (45%), mas essas percepções não têm eco nas respostas dos contatos e casos índice (detalhadas em outro resumo). A percepção de que se trata de ação importante precisa ser mais explorada pelos programas de TB e gestores das unidades de saúde. É importante capacitá-los e incentivá-los para que essas percepções se transformem em prática.

Palavra-chave: agentes comunitários de saúde, tuberculose latente, conhecimentos, atitudes e prática em saúde.

Apoio: CNPq (456901/2013-2) e Canadian Institutes of Health Research.